

PARECE SER COMO O PRÓPRIO REAL A NOSSA PEQUENA ETERNIDADE DESBOTADA*

VIVIANA BOSI**

RESUMO

O título, junção de uma frase da poeta argentina Tamara Kamenszain e de um verso do poeta brasileiro Luca Argel (residente em Portugal), intenta sintetizar alguns traços que pretendemos evidenciar na atual poesia brasileira. Escolhemos poetas que vêm se destacando recentemente (Simone Brantes, Daniel Franco, Ana Estaregui, Luca Argel) para observar a convergência de certo “sentimento de mundo”. Em todos, ressaltamos três facetas interligadas: a falta de atrito entre literário e não literário; a aparente concentração da vida aos seus aspectos estritamente cotidianos e miúdos; a redução do tempo ao presente invariável. Esse último traço se articula com a noção de “presentismo” e com reflexões de Rosa Maria Martelo sobre o desejo de ralentamento do tempo na poesia hoje.

PALAVRAS-CHAVE: poesia brasileira contemporânea; estreitamento do espaço; limitação do tempo.

Fiquei impressionada com o depoimento da poeta argentina Tamara Kamenszain para a amiga, Josefina Ludmer, quando esta transcreve em seu diário crítico uma conversa entre as duas, na qual pergunta para Tamara o que está acontecendo com a poesia atual. Segundo Tamara, se a poesia sempre se concentrou no presente (diferentemente da narrativa), agora isto teria se acirrado muito, como se os jovens poetas portassem

* Este texto foi apresentado como comunicação no 3º. Colóquio Internacional Interlocuções Poéticas Brasil-Portugal, ocorrido na Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro) entre 9 e 11 de outubro de 2018. Além de haver mantido traços de oralidade, também menciono em nota alguns comentários muito pertinentes dos colegas que participaram da discussão subsequente.

** Professora da Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: vivianab@usp.br

uma furadeira para acordar o leitor para cenas imediatas. Não se trata de ser antiliterário, como nos anos 1970. Não há essa preocupação em estar fora ou dentro da linguagem dita literária, apenas em recortar o tempo e perfurá-lo, intensificando a percepção do instante. O exemplo que Tamara dá para sua amiga Josefina é o de um poema da argentina Roberta Iannamico que se chama, salvo engano, “Rodovia”. Cito sua paráfrase:

[...] ela – digo, a narradora do poema – e sua mãe param na rodovia para fazer xixi, encontram um túnel, descem e se agacham ali mesmo, morrendo de rir do barulho dos carros que passam em cima. Elas estão, como diz o próprio poema, com a bunda ao vento, e a narradora diz que o vento vem em sua direção e ela se molha. Termina aí o poema.

Uma cena breve, sem mais desdobramentos. Aparentemente, não haveria preocupação com um sentido oculto maior além da vivência de um momento. Mas será que o presente se assemelha a “um hieróglifo difícil de decifrar”, conforme conclui Tamara?:

Paradoxalmente esses textos, que trabalham com o mais transparente, o mais cotidiano, o mais imediato, de repente se tornam mais difíceis de entender do que o próprio *Ulisses...* [...] “Parecem ser como o próprio real.” (LUDMER, 2013, p. 93-97).

Exageros à parte, nós leitores talvez pressintamos um significado figurado neste poema, embora tudo pareça autoevidente: a contraposição do humano, que ri de si mesmo, expõe seu corpo (que fica molhado), é solidário com o outro em sua fragilidade – mãe e filha em um túnel escondido debaixo da estrada, a se esconder do mundo lá fora que nos acossa com suas máquinas velozes e indiferentes do turbocapitalismo.

O poema é como o ouriço a se proteger do atropelamento, sempre desprotegido?

Sem generalizar, pois são diversos os caminhos da poesia hoje, interessa-me observar traços relevantes em alguns poetas que guardam em comum a paixão pelo testemunho explícito de aspectos considerados

mínimos da vida sem, com isso, prescindir do seu trabalho de reflexão. Isto é, diferentemente da, digamos, poesia marginal, que se propunha a abandonar tanto a oficina quanto as grandes questões, aqui a consciência da fatura não esmorece. Para estes poetas, o coloquial e o prosaico já foram tão naturalmente incorporados, assim como a liberdade formal completa, para mesclar verso e prosa, por exemplo, que a passagem do tema pedestre para o elevado não se coloca mais em termos de choque ou ruptura. Arte e vida já foram binômios postos em tensão. Agora, assim como na ficção e nas artes plásticas, as formas são de articulação e de labilidade de fronteiras.

Se Manuel de Freitas se intitulava poeta sem qualidade, tal arroubo não se traduz em desleixo na composição. Também não o incomoda citar um artista pop ao lado de um erudito. Estas aproximações não se colocam mais como questões, como poderiam ter sido ainda nas décadas de 1960 e 70 do século passado. Angélica Freitas pode botar Rilke em seu milkshake causando apenas uma surpresa prazerosa ou inquietante.

Gostaria, assim, de destacar três traços fortes que encontramos em alguns poetas contemporâneos.

O primeiro é este que acabamos de mencionar: a passagem sem atrito entre universos antes considerados conflitantes e excludentes (coloquial-elevado, erudito-popular, literário-prosaico, vida e arte, ensaio teórico e lirismo, informação jornalística e sentimentos pessoais, grandes acontecimentos ao lado dos mais privados). Acho que nem preciso dar exemplos concretos: basta pensar no supracitado Manuel de Freitas e em Adília Lopes, no caso de Portugal; ou em Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck, Marília Garcia e Fabio Weintraub, dentre tantos outros, no caso brasileiro.

O segundo traço, relacionado ao anterior, é um aprofundamento da atenção em pequenos gestos do cotidiano que podem adquirir sentidos maiores, mas sem que haja necessariamente remissão a imagens metafóricas. São como sombras que indiciam algo e se entremostam a partir da representação de atos mínimos. Dentre os livros de poesia lançados recentemente, posso destacar várias amostras desta tendência. Fiz um recorte a partir de livros publicados em 2016.

Em Ana Estaregui (*Coração de boi*, 2016, p. 10) impressionaram-me as seqüências de poemas formando uma série numerada que reflete sobre os desdobramentos miúdos do tempo no cotidiano:

2.
levar o copo à boca
sempre na mesma inclinação
e com a mesma força
aplicada ao bíceps
levantar da cama
sempre pela lateral
girar o corpo noventa graus
primeiro o pé esquerdo no chão
depois o outro
as mãos apoiadas sobre o colchão
então flexionar os joelhos
e impulsionar de leve
até que tudo esteja de pé
erguer os braços pro alto
alcançar a máxima estatura
que o corpo admitir
se nada falhar
caminhar até a cozinha
ferver a água
soprar o chá algumas vezes
antes de beber
continuar, continuar

Parece um exercício de propriocepção de quem faz pilates, RPG ou ginástica holística. Mas sobretudo tem relação com certa atitude minuciosa e obsessiva. Como se não houvesse nada mais. Isto apenas é o espaço vital: quarto, cozinha, o próprio corpo. Mas não é um exercício descompromissado e leve, como parecem ser certos poemas que descrevem cenas da vida diária. Aqui há autoconsciência, proposital e mesmo irônica.

E um apelo talvez desesperado ou conformado de resiliência vital. Como um manual de atenção a cada gesto para manter a sanidade.¹

Por fim, o terceiro aspecto, que também guarda relação forte com as outras duas tendências, é o ralentamento do tempo, como se a poesia tivesse o papel de abrir uma janela para a contemplação de fenômenos diminutos que pudessem se ampliar. Essa última característica foi apontada por Rosa Maria Martelo, quando ela comentava em aula como a velocidade (apanágio das vanguardas) se tornara de tal modo onipresente no mundo contemporâneo que a arte atual prezava o oposto daquilo que antes era considerado inovador. Martelo mencionava uma revista portuguesa, *Intervalo* (n. 1, 2015) editada, dentre outros, por Silvina Rodrigues Lopes, cujo Editorial defendia como pressuposto a divergência em relação ao desenfreado mundo contemporâneo. Cito um trecho:

Desencadear novos ritmos que se afirmem como brechas na edificação tendencialmente hegemônica da cultura. Afirmar o abrandamento de velocidade, a pausa e a incerteza, enquanto modos de resistência às exigências de circulação e comunicação. Atravessar, pela análise e a crítica, as fronteiras entre tipos de discursos e entre estes e as atividades a que se referem. Desenvolver a relação com o heterogêneo, a intempestividade, a dissonância. Acentuar a interrupção, os vazios que se abrem nos enunciados e não são apenas da ordem das distâncias exigidas pela atenção aos outros, mas sim do excesso de significação que intensifica e infinitiza.

Esse elogio da lentidão, da dúvida, da reflexão pausada e atenta, evidentemente contraria a sociedade hiper-excitada em que vivemos.

¹ Ida Alves encareceu a importância do gesto na poesia contemporânea, como sinal significativo do corpo, forma de linguagem anterior à palavra. Possivelmente, a nosso aviso, tal relevância também remete ao desejo de ressaltar a concretude e o particular contra a generalização abstrata. No caso deste poema, parece haver igualmente um empenho disciplinar de impedir os voos da imaginação, talvez ilusórios e mistificadores. Maria Aparecida Ribeiro lembrou-se do conto de Clarice Lispector, "A imitação da rosa", em que a personagem tenta ater-se a atividades comezinhas para não recair na loucura.

Um poema de Simone Brantes (do livro vencedor do prêmio Jabuti de 2017, *Quase todas as noites*, 2016, p. 68):

“Order in chaos”

Meu relógio tem ponteiros soltos
os compromissos caem
e ficam no chão
De tempos em tempos
olho para eles e lhes dou esperança
no meu relógio meu dia
é metade noite
minha noite
metade dia

E alguns versos do poema *Marina*, de Cláudio Neves (em *Ouvido no café da livraria*, 2016, p. 89):

Chamo aos dias como os de hoje *dias menos*.
[...]
os chamo *menos*, mas, iguais aos outros,
dão-me a idêntica impressão de que, incriados,
duram há muitas vidas e que (em todas)
a duração lhes esgota o sentido.

E chamo *menos* a esta tarde sem história
[...]
sinta que, a cada onda que foge, torna
a um mar unânime (onde tudo dorme
e tudo espera) antes de qualquer nome.

Tempo sem novidades, bastante adequado para esse escarafunchar meditativo. *Tarde sem história*, de duração indeterminada – *metade noite, metade dia* – em que os momentos vão passando sem eventos externos.

Se por um lado recebemos sem parar informações demais, por outro, é como se pouco de verdadeiramente importante ocorresse. Em

relação à impossibilidade de aventuras e rebeliões, em contraste com a energia modernista (quando se acreditava na “perspectiva imaginativa da revolução social”, na expressão consagrada de Perry Anderson, 1986), leia-se trecho deste poema, de Luca Argel, brasileiro que vive em Portugal (*Uma pequena festa por uma eternidade*, 2016, p. 58):

nasci num século muito chato,
flectido como um arco
que já disparou faz tempo.
agora eu sinto que deveria estar inquieto
com tantas grandes desgraças
postas ao alcance
desta geração,
mas ai,
como é insuportável a monotonia
das grandes desgraças do meu século.
olho para os lados
e seguro a sua mão
numa última viagem de carro.
sei que eles não serão capazes sequer
de fazer um breve silêncio
enquanto nos retiramos
para a nossa pequena eternidade desbotada.

De um lado, uma pletora de eventos traumáticos (guerras, acidentes, violências de todo tipo), de outro, o recolhimento do sujeito à sua esfera íntima, segurando a mão do ser amado em breve silêncio, nesta época em que impera o presentismo, sem horizontes de expectativa transformadora.

Por fim, leio o poema *Condomínios fechados*, de Daniel Franco (do livro *Identidade*, 2016, p. 70-71, terceiro lugar no Prêmio Jabuti de 2017):

Os condomínios fechados erradicam
as tabacarias diante das janelas
e os horizontes de becos à beira mar.
Os prédios repetem-se, as sombras
Parecem-se: são todas de homens.

Os gestos imitam-se e não há
mistério no mofo que se alastra
pelas paredes – provavelmente
foi um cano que se rompeu
e o zelador está sempre pronto.
O tempo não sangra. O instante
não alcança a crise: cristaliza-se,
multiplica a luz, os dias –
sou o de ontem, desde sempre.
Diante de qual parede esperar
a porta que não irá se abrir?
Se ao menos isso fosse claro.
Onde a criança que come chocolates?
Estão todos mortos, alheios, opacos.
São todos o universo a cair
sobre mim com um terror de fábula
infantil: leio sobre nebulosas,
sobre o brilho infindo dos quasares
e que jamais existiu um tempo
antes do tempo e então olho para o corpo
que ao lado dorme e penso
é mentira que exista amplidão maior
do que a do dia poeirento.
A noite continua. Queria
o meu coração fora de mim, apaziguado
como o gato defronte à janela
que dorme junto aos cactos.

Vocês certamente perceberam o intertexto com *Tabacaria* (1928), com frases que soam a glosa. Janelas, portas, becos em contraste com horizonte e mar (isto pode ser Bandeira) fazem parte de ambas as paisagens poéticas. Mas para Álvaro de Campos, a janela não significa confinamento protetor, pois se abre para o mistério de uma rua cruzada constantemente por passantes, pelo acaso... mistério das coisas por

baixo das pedras e dos seres, com a morte a pôr umidade nas paredes. Ao contrário, aqui se retrata um mundo limitado e previsível, de canos mofados. O tempo é de má infinitude. Se há aceleração, frenética até, da sociedade do espetáculo, a experiência do encontro se reduziu ao quarto fechado, a uma pessoa que dorme ao lado. Tempo e espaço sem amplitude nem surpresas. Em *Tabacaria* havia crise, desilusão, histeria, desejo absurdo e frustrado de infinito, ironia com a impossibilidade: “Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta./ E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira./ E ouviu a voz de Deus num poço tapado.” O sujeito diminuído de *Tabacaria* tinha momentos de desespero, seguidos por autoironia. Aqui parece haver, na superfície ao menos, resignação ainda maior dada a sensação de possibilidades mais estreitas. Mas, em ambos os poemas, há o desejo comum de um universo “sem ideal nem esperança”, uma realidade sem transcendência ou inquirições inúteis, como a do gato apaziguado dormindo. Também Álvaro de Campos gostaria de ter seu coração fora de si, ser outro, como um lagarto que apenas existe. Ambos pressentem a inutilidade da vida humana face às estrelas (a respeito das quais a voz poética de “Condomínios fechados” leu, apenas...). Ambos concluem sobre a mentira de uma suposta amplidão metafísica. Afinidade sim, muita. Mas um certo *pathos* foi reprimido, por reconhecer-se deslocado e inútil. Algo morreu ou está seriamente abalado: “Estão todos mortos”... profundamente, reconhece o poeta contemporâneo.² Buscando inspiração no heterônimo de Fernando Pessoa, Daniel Franco compara sua situação temporal e espacial desfavoravelmente.

Ao que tudo indica, a tríade que brevemente expusemos forma um feixe coeso. Em síntese: 1) justaposição criativa e reflexiva de esferas; 2) concentração dos temas em aspectos cotidianos e miúdos da vida, mas que revelam mal-estar e inquietação profundos; 3) consciência da redução do tempo ao presente invariável e do espaço à redução protetora e/ou confinadora.

² Mais uma alusão bandeiriana, conforme notou Maria Aparecida Ribeiro.

Esses três aspectos geram no poema um tempo e um espaço densos que abrem frestas³ na fachada do real à qual somos submetidos.

IT SEEMS LIKE REALITY ITSELF OUR LITTLE FADED ETERNITY

ABSTRACT

The title, combining a phrase by Argentinean poetess Tamara Kamenszain and a verse by Brazilian poet Luca Argel (resident in Portugal), is an attempt to synthesize some traits in current Brazilian poetry that we hope to highlight. We've chosen poets that have recently caught the public's eye (Simone Brantes, Daniel Franco, Ana Estaregui, Luca Argel) to observe the convergence of a certain feeling of our times. In all of them, we bring out three interrelated facets: the absence of any attrition between the literary and the non-literary; life's apparent focus on its strictly everyday, smallish aspects; and the reduction of time to the invariable present. This last trait is articulated with the notion of "presentism" and with reflections by Rosa Maria Martelo on today's poetry desire to rarefy and sparse out time.

KEYWORDS: contemporary Brazilian poetry; narrowing of space; Limitation of time.

PARECE SER COMO LO REAL MISMO NUESTRA PEQUEÑA ETERNIDAD DESLEÍDA

RESUMEN

El título de este artículo, que combina una frase de la poeta argentina Tamara Kamenszain con un verso del poeta brasileño residente em Portugal Luca Argel, trata de sintetizar algunos rasgos de la poesía brasileña actual que pretendemos

³ Célia Pedrosa observou sagazmente a diferença substancial entre a imagem intensa da fura-deira (utilizada por Tamara Kamenszain para referir-se a este gesto de "abrir frestas") e as fórmulas mais suaves da crítica portuguesa ao se referir a este movimento de oposição à hegemonia da sociedade acelerada e produtivista do presente. Tal percepção incide sobre o desnível entre os "sentimentos de mundo" expressos pela poesia latino-americana em contraste com a portuguesa, reverberando, muito provavelmente, as dessemelhanças entre nossos universos sociais.

poner de manifiesto aquí. Elegimos a poetas que se han destacado recientemente – Simone Brantes, Daniel Francoy, Ana Estaregui, Luca Argel – para observar en este grupo la convergencia de cierto “sentimiento de mundo”. Señalamos en todos tres facetas que se interconectan: la ausencia de roces entre lo literario y lo no literario; una aparente concentración de la vida en sus aspectos puramente cotidianos y menudos; la reducción del tiempo al presente invariable. Este último rasgo se articula con la noción de “presentismo” y con reflexiones de Rosa Maria Martelo sobre el deseo de ralentización del tiempo en la poesía actual.

PALABRAS CLAVE: poesía brasileña contemporánea, estrechamiento del espacio, limitación del tiempo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Modernidade e revolução. Tradução de Maria Lucia Montes. *Novos Estudos Cebrap*, n. 14, p. 2-15, fev. 1986.

ARGEL, Luca. *Uma pequena festa por uma eternidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

BRANTES, Simone. *Quase todas as noites*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

EDITORIAL. *Intervalo*, n. 1. Lisboa: Pianola Editores, 2015.

ESTAREGUI, Ana. *Coração de boi*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

FRANCOY, Daniel. *Identidade*. Bragança Paulista, SP: Ed. Urutau, 2016.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

NEVES, Claudio. *Ouvido no café da livraria*. São Paulo: Ed. Filocalia, 2016.

PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: _____. *Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1981. (Obra poética IV).

Submetido em 29 de outubro de 2018

Aceito em 05 de novembro de 2018

Publicado em 25 de janeiro de 2019
